

implacável  
sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

CHÁ  
DAS  
CINCO



Livros com sexto sentido

*Às minhas leitoras, que significam tudo para mim  
e me garantiram horas infindáveis de gargalhadas  
e sorrisos online bem como presencialmente.*

*Muitíssimo obrigada!*

*À minha equipa na SMP, que trabalha com tanto  
afinco para lançar os livros, e em especial à Monique,  
cujos conselhos e apoio são dignos das lendas.*

*Às minhas amigas, que estão sempre presentes  
quando preciso delas, em especial à Kim e à Dianna,  
que nunca tentam escapar de revisões de provas  
e sessões de brainstorming.*

*E à minha família, que nunca se queixa  
por comer pizza a mais e que compreende porque  
é que a Mamã precisa de passar tanto tempo trancada  
no quarto. Mais do que tudo, ao meu supermarido,  
sem o qual jamais poderia fazer o que faço, e que  
é mesmo a força que me sustenta.*

*Deus vos abençoe e guarde a todos.*



*Prólogo*

## A LENDA DO SANTUÁRIO

*Podem tirar-me a vida, mas jamais me vergarão.*

*Por isso, deem-me o vosso pior...*

*E eu dar-vos-ei sem dúvida o meu.*

**AQUELAS** palavras, escritas em francês, permaneciam no tampo da secretária de Nicolette Peltier, onde esta as gravara com a sua garra de urso, depois da morte de dois dos seus filhos. Não era apenas um lema, era a sua declaração enfurecida ao mundo que a privara dos seus filhos. Uma tragédia cruel que a impelira a criar o mais famoso dos abrigos para os transmorfos.

O Santuário.

Durante mais de um século, fora a proprietária do famoso bar e restaurante Santuário, aninhado na esquina entre Ursulines e Chartres, em Nova Orleães. Aí reinara como a rainha do seu reino. A mãe urso das restantes doze crias, uma mãe que lutava todos os dias com a dor de enterrar os seus filhos.

Nem um dia passava sem que os chorasse.

Até ao dia em que a guerra lhes bateu à porta. Fiel à sua natureza e às palavras que gravara como uma recordação permanente do seu espírito, dera o seu pior e protegera os filhos com tudo o que tinha.

Mas o seu amor por eles custara-lhe a vida. Quando os seus inimigos avançaram para matar o companheiro da filha, protegera o licantropo com o que restava das suas forças e dera a vida para poupar a filha Aimee à agonia de enterrar o lobo que amava.

A tragédia da sua perda foi sentida por todo o conselho de Predadores do Homem. Nicolette fora uma lenda tão grande quanto o clube que detinha.

Um clube que acolhera todas as criaturas e lhes prometera segurança e proteção, desde que obedecessem a uma regra simples:

Venham em paz.

Ou sairão em pedaços.

Desde a noite da sua morte, as suas crias tentaram continuar sem o seu apoio e orientação. Tendo deixado de ser um abrigo oficial, reconhecido pelo conselho Omegrion, o Santuário ergue-se agora à margem das leis que outrora protegeram os seus proprietários e os seus clientes.

E, para Dev Peltier, isso não era um problema. Para dizer a verdade, ele nunca gostara de regras.

Mas a guerra que chegara à sua porta ainda não tinha terminado.

E ainda só tinham travado a primeira batalha...

## *Capítulo*

### UM

— **É IMPRESSÃO** minha ou o mundo ficou estúpido como um cepo?

Dev Peltier riu ao ouvir a voz do irmão Remi no seu ouvido, enquanto se erguia no exterior, à porta do Santuário, o clube que pertencia à sua família. Ele e Remi eram metade de um conjunto de quadrigêmeos idênticos... e aquele comentário era tão incaracterístico do seu carrancudo irmão que Dev teve de abanar a cabeça.

— Desde quando é que foste possuído pela Simi? — perguntou para o microfone do auscultador que usava com tanta frequência que se sentia estranho quando não o tinha pendurado na orelha.

Remi fungou.

— Sim... porque pareço mesmo um raio de uma miúda demónio gótica, de espartilho, saia de folhos e *collants*, que anda para aí a tentar comer tudo o que vem na ementa... com acompanhamento de elementos do pessoal.

Era sem dúvida a descrição da Simi, ao pormenor.

Mas Dev não conseguiu resistir a mais uma provocação.

— Eu sempre soube que eras bizarro, *mon frère*. Isto só o prova. Talvez te devêssemos passar a chamar Frank-N-Furter<sup>1</sup> e atirar-te salsichas de *cocktail* quando fores a passar.

---

<sup>1</sup> Personagem da comédia musical *The Rocky Horror Show* (um tributo aos filmes de ficção científica e de terror série B, do final dos anos 40 ao início dos anos 70). O Dr. Frank-N-Furter é um cientista louco travesti que cria a sua versão de Frankstein. O musical foi adaptado ao cinema, tendo a personagem sido representada por Tim Curry no original *The Rocky Horror Picture Show* de 1975 e por Laverne Cox no remake de 2016, *The Rocky Horror Picture Show: Let's Do the Time Warp Again* (N. da T.).

— Cala-te, Dev, antes que eu vá aí fora e arranje maneira de passar a fazer parte de um grupo de trigêmeos.

Como se isso fosse possível. Remi estava-se, sem dúvida, a esquecer de quem o tinha ensinado a lutar.

— Podes vir, fedelho. Tenho um par de botas novas que mal podem esperar por se enfiar no...

— Vocês os dois podem parar de discutir em canal aberto?... E, já agora, vejam se crescem. Juro que vou fazer ensopado de urso com vocês os dois se não pararem com isso. — Aimee prosseguiu em francês, a língua materna da família, para os poder continuar a insultar e humilhar.

Dev refreou uma resposta mordaz ao tom hostil da irmã, cujo discurso ia sendo pontuado por festejos aprovadores da restante equipa, cujos auscultadores permitiam escutar cada palavra.

Para ser sincero, ele e a família não precisavam de auscultadores para comunicar. O facto de serem ursos transmorfos garantia-lhes a capacidade para projetarem os seus pensamentos desde que estivessem a uma distância razoável uns dos outros — ainda que uns fossem melhores a fazê-lo do que outros. Mas era algo que tendia a levantar suspeitas entre os meros humanos que trabalhavam para eles e, em especial, os que lhes enchiam o clube. Por isso usavam os aparelhos na esperança de, pelo menos, parecerem normais.

Sim, pois. A normalidade já tinha abandonado a sua família e a sua espécie há muito tempo. Mas e depois?

O auscultador ficava-lhe a matar.

Ainda assim, Dev tirou o aparelho da cabeça, pois o monólogo irado da irmã em francês o fez pensar na mãe e uma onda de dor inesperada trespassou-o. Como sentia a falta da voz da mãe, a censurá-lo em francês...

Quem teria imaginado? Com tanta coisa de que poderia sentir falta.

*Devo estar mal da cabeça.* E no entanto a voz cortante da mãe assombrava-o, vinda do passado.

*Tens de crescer, Devereaux... Já não és nenhuma cria. Já não o és há mais de duzentos anos. Porque é que provocas os teus irmãos desta maneira e me fazes perder a cabeça? Mon Dieu! És mesmo a minha cruz quando te portas mal. Só por uma vez, não podes ter tento na língua e fazer o que te peço? Como é que podemos confiar em ti se te estás sempre a comportar como uma criança? Não aprendeste nada?* Dev estremeceu ao recordar o rosto dela quando lhe dava a sua reprimenda diária.

Era um rosto que jamais voltaria a ver e uma voz que um dia, demasiado próximo, desapareceria por completo da sua memória.

Como odiava mudanças.

Durante mais de cem anos, ele ocupara o seu lugar à porta do Santuário, observando enquanto todo o tipo de seres entrava e saía. Uma sentinela em mais do que um sentido, deixava os humanos entrar sem os parar. Mas no que aos clientes sobrenaturais dizia respeito, sempre explicara as regras do Santuário e sempre os interrogara de modo a poder determinar que ameaça representariam, caso atacassem — bem como para determinar quem seriam os seus aliados.

Não fosse o diabo tecê-las.

Agora erguia-se no seu posto para garantir que os seus inimigos não acabavam de destruir o clube que ainda agora haviam reerguido, depois do combate que os marcara a todos.

*Sinto a tua falta, Maman.* Sentia a falta do pai com igual intensidade.

As coisas podiam ser substituídas. As tábuas voltavam a ser pregadas, os balcões eram refeitos. Os danos provocados pelo fumo reparados.

Mas os seus pais...

Esses tinham partido para sempre.

E isso deixou-o furioso, ao mesmo tempo que a dor o trespassava ainda mais. Tivera de usar todo o seu controlo para não partir no encaicho da matilha de licantropos que os atacara. Se não soubesse que isso levaria o Omegrion — o conselho que presidia às bestas-homem — a caçar o resto da sua família e a matá-la como forma de retaliação, não teria hesitado. Mas era um risco que jamais correria. Não seria responsável pela morte de um membro que fosse da sua família.

Nem mesmo do seu irmão Remi.

Já vira demasiados membros da sua família a serem mortos à sua frente...

*Quero mesmo ir-me embora.*

Era um pensamento que se estava a tornar cada vez mais apelativo. Desde a reabertura do Santuário, depois da batalha e do incêndio, que sentia aquele desejo de vaguear. A única razão pela qual tinha ficado fora o facto de a mãe lhe ter pedido que ficasse com a família e ajudasse a proteger a irmã mais nova.

Agora que a mãe estava morta e Aimee tinha encontrado o seu companheiro...

Ficar não representava uma necessidade tão premente como até aí. Todos os dias sentia o desejo para partir e viajar pelo mundo. Ele era um urso e estava na natureza da maioria dos machos procurar uma companheira e começar o seu próprio bando.



*O que é que estou a fazer aqui?*

Eles não precisavam realmente dele. Quando a batalha lhes bateu à porta, aprenderam rapidamente quantos aliados tinham. E o número era impressionante. O Santuário sobreviveria para sempre. Não tinha de ficar a proteger a porta.

E, no entanto...

*Odeio mudanças.*

*Estás apenas inquieto. Isso passa. Vais ver.* Além disso, não queria uma companheira. Nunca. A vida já era bastante difícil só tendo de se manter a si satisfeito. Os deuses o ajudassem se tivesse de tentar agradar a mais alguém.

É que tinha acontecido tanta coisa durante aqueles últimos meses que as suas fundações tinham sido abaladas. Sentia-se perdido... como se as suas amarras tivessem sido cortadas e ele tivesse sido deixado à deriva, sem motor ou remo. Nunca lidara bem com mudanças e tinha sido assaltado por tantas mudanças, que lhe apetecia deixar tudo para trás e começar de novo noutra local.

Procurar um sítio onde voltasse a sentir que pertencia — mesmo que tivesse de viajar para o passado para o encontrar. Um sítio onde não estivesse à espera que os pais dobrassem a esquina ou estivessem sentados nas suas cadeiras preferidas. Onde as memórias não o assombrassem.

Ou, para ser mais exato, o magoassem.

O ronco de uma mota de pista interrompeu os seus pensamentos melancólicos. Era uma Busa. Percebia pelo som rouco do seu motor — tinha um som único, inconfundível para quem percebesse de motas. Muitos dos Predadores do Homem usavam motas como meio de transporte, incluindo ele e os seus irmãos. Ao contrário de um carro, era fácil de teletransportar, recorrendo aos seus poderes, e, nas ruas, não havia nada mais rápido que pudessem usar para escapar aos seus inimigos.

Ou para os perseguir.

Mas aquela roncava com um som muito específico que revelava que tinha sido modificada para atingir toda a sua velocidade e desempenho.

À espera de ver o líder dos Predadores da Noite, Acheron, na sua Hyabusa preta, Dev franziu o sobrolho quando uma vermelha surgiu na rua a tal velocidade que ficou surpreendido por não a ver ser seguida por uns quantos carros-patrolha. O condutor passou a porta, depois carregou no travão, deslizando a mota de lado e deixando atrás de si uma nuvem de borracha queimada. A roda da frente ergueu-se, antes de avançar na direção dele. Precisamente ao chegar ao passeio, o pneu da frente parou e o condutor

estacionou-a mesmo à frente dele, com um movimento repentino que fez erguer a roda traseira.

Ainda que o motociclista fosse alto e forte, Dev percebeu pelas curvas ondulantes, cobertas de cabedal protetor, que se tratava de uma mulher.

O mais provável era ser boa, e isso chamava-lhe sem dúvida a atenção.

Sem qualquer vontade de lhe mostrar que ficara impressionado com as suas capacidades ao volante da mota, Dev cruzou os braços sobre o peito, enquanto ela tirava o capacete e libertava uma cascata de caracóis cor de mel que lhe caíam abaixo dos ombros. Caracóis que emolduravam um rosto adorável. Não era espantoso ou perfeito, mas exótico. Diferente. Acima de tudo, as suas feições eram enfeitiçantes e ele não conseguiu deixar de se perguntar qual seria o seu aspeto logo pela manhã, com aqueles caracóis caóticos espalhados em redor do seu corpo nu.

Tinha um ar de feroz *joie de vivre* que era contagioso — como se saboreasse cada batimento que tinha a sorte de o seu coração ser capaz de dar. E, no entanto, conduzia a mota como uma pessoa que desejasse morrer.

— Se continuares a conduzir assim, ainda vais matar alguém.

Ela passou uma perna comprida sobre o banco antes de se aproximar dele com um passo escaldante, sedutor, que Dev estava certo de ter provocado alguns ataques cardíacos que enviaram uns quantos homens para as suas tumbas. Calçava um par de botas de *motard* New Rock sem salto, com chamas que lhe subiam pelos lados. Os olhos castanho-escuros, amendoados, brilhavam provocantes, enquanto ela abria o fecho do casaco e deslizava por ele um olhar apaixonado.

— Só mato os que merecem; e esses esventro com prazer.

Raios, era mais sensual do que qualquer mulher que alguma vez tivesse visto. O corpo de Dev reagiu de imediato a ela. E fê-lo perguntar-se se seria assim tão franca no quarto.

Ela tirou o casaco sem esforço e atirou-o por cima do ombro, mantendo-o seguro com uma mão enluvada, revelando uma camisola de malha justa, preta, antes de se inclinar na direção dele. O perfume quente a mulher e cabedal fez agitar e ronronar o urso dentro dele, e teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não mergulhar o rosto no pescoço suave que parecia convidar a que o provasse.

— Para responder à tua pergunta, Urso... *Sou* tão feroz na cama como nas ruas. Só para que saibas. — E piscou-lhe o olho.

Aquelas palavras agitaram-lhe o membro contra a sua vontade, ao mesmo tempo que tomava mentalmente nota de que ela era capaz de ler os seus

pensamentos. O olhar de Dev deslizou dos olhos dela para o decote profundo que revelava um busto erguido por um *soutien* preto. E no seio direito estava a marca do duplo arco e flecha que lhe disse exatamente quem ela era e o que era — pese embora já o tivesse calculado tendo em conta os poderes e o pequeno vislumbre das suas presas quando falou. Raios, parecia que nem mesmo Ártemis fora capaz de resistir a passar a mão por aquele corpo escaldante quando a trouxera de volta.

— Não estou a ver quem possas ser, Predadora da Noite.

Ela endireitou a fiada de colares com caveiras pretas que tinha penduradas ao pescoço.

— Já nos cruzámos antes. Por breves instantes. Não tivemos sequer tempo de nos apresentarmos.

Dev franziu o sobrolho, tentando recordar-se.

Não, de maneira nenhuma. Ele lembrar-se-ia daquela Predadora em particular se alguma vez a tivesse visto — mesmo que tivessem passado séculos. Mesmo que ele tivesse morrido. Não era o tipo de mulher de que um homem se esquecesse facilmente.

— Deves ter conhecido um dos meus irmãos. — A maior parte das pessoas não era capaz de os distinguir. Tinha a ver com aquela história do idênticos, e tanto Cherif como Quinn se revezavam à porta quando Dev estava de folga. Estava, sem dúvida, a confundi-lo com um deles. — Somos quadrigémeos idênticos, e sou muito parecido com os meus irmãos.

Ela abanou negativamente a cabeça.

— Eu sei. Conheci-vos a todos. Estive aqui na noite em que os lobos atacaram. — O olhar dela ergueu-se para o telhado onde este ainda revelava pequenos sinais dos danos causados pelo incêndio que estalara durante os confrontos e os olhos ficaram carregados de simpatia. — Lamento muito o que aconteceu aos teus pais... e que não tenhamos feito um melhor trabalho a protegê-los.

Dev não sabia porquê, mas aquelas palavras comoveram-no.

— Obrigado pela ajuda. Sei que deram o vosso melhor. — Todos o tinham feito. No entanto, o número de inimigos era, por si, avassalador. Para ser sincero, o facto de alguns deles terem sobrevivido era um milagre.

Não fora pelos Predadores da Noite e os seus aliados, não teria sido assim.

Uma sombra de dor cobriu a expressão do seu rosto, como se também ela tivesse os seus próprios demónios enterrados naquelas palavras.

— Sim, mas, por vezes, o nosso melhor não é suficientemente bom e

não há desculpas sinceras que possam tornar as coisas melhores. Dito isso, lamento mesmo. Por tudo. — Ela olhou de relance para dentro do bar, antes de recuperar o seu entusiasmo anterior. — Chamo-me Sam Savage.

Samia Savage...

Eis um nome que já escutara nas bocas de outros Predadores da Noite ao longo dos séculos. Ela era um dos mais ferozes — donde a alcunha que os outros Predadores da Noite lhe haviam atribuído, há muitos séculos, numa homenagem à sua brutalidade em combate. Enquanto caçadores imortais que protegiam os humanos, todos os Predadores da Noite tinham passados horripilantes. Sendo tão diferentes, todos eles tinham uma coisa em comum: alguém os traía e matara de um modo tão desprezível que venderam as suas almas à deusa grega Ártemis em troca de um único ato de vingança contra aquele que os traía. Não era algo que uma pessoa aceitasse de ânimo leve, e não pôde deixar de se perguntar o que teria acontecido a Sam para que vendesse a sua alma.

Quem a teria matado e porque a teria esse evento transformado em algo tão brutal que até os mais corajosos Predadores tendiam a evitá-la? Nenhuma das histórias que já ouvira a seu respeito lhe tinham dado uma resposta. Diziam apenas que aquela mulher vivia para a excitação da batalha.

Quanto mais sangrenta, melhor.

— Eras uma general Amazonas no final da Guerra de Troia. — Neta da sua maior rainha, Hipólita, dizia-se que Sam teria escoltado Helena no regresso a casa, depois da guerra. Algo muitíssimo difícil, tendo em conta o grande número de gregos que queria matar Helena por ter provocado a guerra que os mantivera longe de casa durante mais de uma década.

Um dos cantos da boca dela ergueu-se.

— Dizes «Amazonas» como se fosse uma coisa má.

Dev riu.

— Já conheci umas quantas ao longo dos séculos. Não diria má, apenas... interessante.

As Amazonas eram o povo escolhido da deusa Ártemis. Era por isso que tantas tinham ingressado nas fileiras dos Predadores da Noite. Quando Ártemis constituiu o seu exército para combater pela Humanidade contra os seus predadores sobrenaturais, as Amazonas tinham sido sempre a sua primeira escolha e corriam rumores de que recebiam dez vezes mais do que os restantes Predadores da Noite. Um pequeno favorecimento que tinha dado lugar a alguns ressentimentos entre certos Predadores e qualquer Amazona do grupo.

Para Dev, significava apenas que tinha de a manter debaixo de olho, pois as Amazonas divertiam-se violentamente e gostavam de rixas.

— Então, o que te traz por aqui esta noite? — perguntou-lhe, mudando de assunto para questões mais pertinentes.

Sam fez uma pausa antes de responder.

— Para dizer a verdade, não sei. Tive a sensação de que algo mau se dirigia para aqui. Por isso achei melhor vir até aqui, para o agarrar pelo pescoço e o magoar antes que cause quaisquer danos.

Ele censurou-a.

— Ah, querida, não sabes que eu sou a única coisa má que anda por aqui?

Ela torceu o nariz.

— Estás a meter-te comigo?

— Depende. Poderá levar-me a umas palmadinhas e estarás nua quando mas deres?

Ela dirigiu-lhe um olhar malicioso.

— Portanto, gostas de levar umas palmadas?

— Na verdade, não, mas desde que estejas nua quando o fizeres, aceitá-las-ei de bom grado...

Ela riu.

— Perverso. Gosto disso.

Dev não fazia ideia porque é que estava a meter-se com ela. Ainda que gostasse tanto de mulheres como qualquer outro dos seus irmãos que ainda não tivessem arranjado companhia, não costumava perder tempo com mulheres que sabia não estarem ao seu alcance. E dormir com Predadores de Noite era algo que não se fazia de todo... por muitas, muitas razões.

No entanto, parecia não ser capaz de parar. Havia algo nela que o convidava a cometer suicídio.

— Mais excitado, na verdade. Já lá vai algum tempo.

Sam sugou abruptamente o ar.

— Brutalmente sincero. Uma mudança agradável. A maior parte dos homens opta primeiro pelos elogios.

Ele encolheu os ombros.

— Até podia dizer que a vida é demasiado curta para andar com rodeios, mas eu vivo durante séculos e tu tens a eternidade pela frente, portanto para nós não é grande preocupação. Por isso, digamos apenas que não gosto de entrar em jogos ou embelezar as coisas e fiquemo-nos por aí.

— Um urso cá dos meus, mas não sabes que não é suposto confraternizares?

Ele encolheu os ombros.

— Não gosto de regras.

Ela deslizou o olhar pelo corpo dele com uma expressão escaldante que incendiou as hormonas de Dev.

— Nem eu.

— Pois, deu para perceber pela maneira como conduzes.

Sam não se queria sentir encantada pela besta-homem à sua frente, mas sinceramente não o conseguiu evitar. Havia algo nele que a fazia sorrir. E não era apenas o facto de ele ser mais escaldante do que o inferno. Ou de ter um sorriso que deveria ser considerado ilegal.

Ele parecia ser uma companhia divertida e, no mundo dela, pessoas assim eram raras e difíceis de encontrar. O cabelo louro, comprido e encaracolado, estava puxado para longe de um rosto que parecia ter sido moldado em aço. Os olhos azuis provocavam-na com inteligência e humor.

E o corpo...

Podia lambê-lo toda a noite. Ainda mais perturbador era o facto de ele ter algo que a fazia pensar em Ioel e em como ele sempre fora capaz de a fazer sorrir por terrível que tivesse sido o seu dia. Mesmo passados milhares de anos, continuava a sentir a sua falta.

Tentando não pensar nisso, baixou o olhar para o braço de Dev, onde eram visíveis os músculos bem definidos, depois franziu o sobrolho ao ver a tatuagem que espreitava por baixo da manga curta.

Seria aquilo...

Não. Decerto que não.

Antes de se conseguir controlar, ergueu-lhe a manga com a mão enluvada, revelando uma marca de duplo arco e flecha, tal como a que Ártemis lhe dera na noite em que a transformara em Predadora da Noite e a trouxera de volta à vida para combater contra os *daemones* vampíricos. A única diferença residia no facto de a de Sam ser uma marca e a dele ser de tinta.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Vale a pena perguntar?

Ele sorriu travessamente.

— Gosto de provocar os deuses.

— Só podes. Pelo que ouvi dizer, Ártemis não tem grande sentido de humor.

— Ainda não me matou.

Ele tinha coragem, sem dúvida.

— És assim tão corajoso ou assim tão idiota?

— A minha mãe costumava dizer que os dois andam de mão dada.

Isso divertiu-a. A mãe também lhe dissera algo muito parecido, certa vez.

Abanando a cabeça, procurou mudar de assunto, voltando ao verdadeiro motivo da sua presença e recordando a si mesma porque não devia achar aquele homem minimamente atraente.

— Apareceu por aqui algum *daemon* esta noite?

— Sabes que não é suposto dizer-te, caso apareçam. — Aquele código de honra entre *daemon* e Predadores do Homem sempre a irritara. Os Predadores do Homem tinham sido criados a partir da mesma raça que os *daemon* e por isso tendiam a partilhar um laço com os seus «primos».

— Vocês são tão humanos quanto *daemon*.

— E também não te damos humanos a comer. — Ele piscou-lhe o olho.

— Mas para responder à tua pergunta, não. Há semanas que os *daemon* não se aproximam deste clube.

Era difícil de acreditar. Locais cheios de turistas como aquele eram campos de caça e poisos conhecidos dos *daemon*.

— A sério.

— Sim, é esquisito, sabes. É como se estivessem num hiato ou algo assim. Nunca estivemos tanto tempo sem receber a visita de um ou dois grupos. A última vez que vi um foi antes de reabrirmos... E o sacana apareceu em plena luz do dia.

Ela fungou, não acreditando nas suas palavras.

— És só tretas. — O que ele estava a dizer era absolutamente ridículo.

— Os *daemon* não conseguem andar à luz do dia, toda a gente sabe isso.

— Eu sei, mas estou-te a dizer que ele esteve aqui, em carne e osso, e o sol estava forte e brilhante. Saiu para a luz do dia como se nada no mundo o preocupasse.

Ela continuava a não acreditar no que ele estava a dizer. Não fazia sentido algum.

— E nenhum de vocês achou que seria boa ideia contar-nos?

— Entregámos um relatório aos Escudeiros — os empregados humanos que ajudavam os Predadores da Noite e que os protegiam durante as horas do dia, quando os Predadores da Noite não podiam sair para a luz sem explodirem em chamas — e temo-lo dito a todos os Predadores da Noite que vemos. Mas como mais ninguém viu um *daemon* durante o dia, todos acham que andámos a fumar metanfetaminas e ignoram o aviso como se não passasse de uma alucinação coletiva provocada pelo consumo de mel em excesso.

As palavras dele divertiram-na.

— E estavam sob o efeito das metanfetaminas?

— Sabes bem que essas coisas não têm qualquer efeito sobre mim, tal como não o teriam sobre ti. — Predadores da Noite e Predadores do Homem eram imunes à maior parte das drogas.

Sam continuava a não acreditar.

— Contaram ao Acheron?

— Mais uma vez, ele disse que só havia um *daemon* capaz de andar à luz do dia e que o tinha destruído pessoalmente. Não havia a mínima hipótese de haver mais um Diurno.

E, no entanto, Dev acreditava inequivocamente que tinham visto um *daemon* à luz do dia. Sam sentia-o com todos os poderes que possuía.

— Talvez tenha sido um miúdo gótico, com presas falsas, a meter-se com vocês.

— Claro, porque eu não sei ver a diferença entre um humano e um *daemon*. Sou mesmo mau no meu trabalho.

Ela riu-se do sarcasmo seco dele. Como é que ele podia ser tão engraçado e irritante ao mesmo tempo?

— Está bem. Eu acredito em ti. Mas...

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Sei o que estás a pensar e concordo que é marado. Sei que não faz sentido. Só te estou a dizer o que vimos para que fiques informada. A partir daqui, podes retirar as tuas próprias conclusões.

— Bem, se estiveres certo, esperemos que não tivesse passado de uma anomalia e que ele tenha ardido três segundos depois de ter saído daqui.

— Isso é que é torcer por milagres. — Ele agarrou no auscultador que deixara caído sobre o ombro e voltou a pendurá-lo no ouvido. Achou curioso que um homem conseguisse ficar com um ar tão sensual com aquele aparelho pendurado na cabeça, mas ele conseguia.

Francamente bizarro...

Dev fez um gesto na direção da porta.

— Podes entrar à vontade. Não há mais Predadores da Noite no interior.

Ela agradeceu-lhe o aviso. Não que precisasse. Embora a proximidade de outros Predadores da Noite lhe retirasse parte dos poderes, os dela eram tão fortes que o que perdia deles era ridículo. Já para não falar no facto de ter sérias capacidades de combate com que poucos eram capazes de rivalizar, com ou sem os seus poderes de Predador da Noite. Era isso que fazia dela um dos *machiskyli*... os Cães de Guerra. Os *daemon* tinham os seus lutadores



de elite e os Predadores da Noite tinham os Cães. Homens e mulheres que viviam para a batalha e que se sentiam felizes a arrancar os corações aos seus inimigos.

Tratava-se de uma insígnia que usava com honra. E naquela noite, sentia a presença de um *daemon* no fundo dos ossos. Só tinha de o localizar, agarrá-lo pelo pescoço e estrangulá-lo até se sentir melhor. O que significava que teria de deixar o aliciante urso à porta e dirigir-se ao interior para fazer o seu trabalho.

— Vemo-nos mais tarde, Urso.

Ele inclinou a cabeça na direção de Sam enquanto esta franqueava as portas e desaparecia no interior sombrio. Dado que eram apenas sete da tarde, não havia muitas pessoas no clube. Uns quantos humanos comiam nas primeiras mesas. Outros dois estava sentados ao bar, onde eram servidos por um homem-lobo (assim chamado por ser um lobo em forma humana) e um outro homem-urso cuja semelhança em relação a Dev era espantosa. Devia ser um dos seus irmãos gémeos idênticos.

Ela avançou na direção do lobo e pediu uma cerveja.

— Queres alguma coisa que se coma para acompanhar isso? — perguntou, enquanto abria uma garrafa e lha passava.

Sam abanou a cabeça e ignorou os olhares curiosos que ele dirigia às suas mãos enluvadas. Não gostava particularmente de comida e esperava poder beber a sua cerveja em paz. Começou a puxar da carteira, mas o lobo impediu-a.

— Lembro-me de ti na noite dos confrontos. Não precisas de pagar nada aqui.

A dor dele tocou-a quando vislumbrou rapidamente o seu passado. Um passado que o deixara com uma profunda sensação de culpa. Fora a protegê-lo que Nicolette Peltier morrera e ele sentia que tinha roubado a mãe à mulher que amava — era uma dor amarga, que ele mantinha enterrada dentro de si e que ardia como uma brasa. Era um bom homem para se preocupar tanto com a esposa.

— Obrigada... Fang. — O nome dele surgiu-lhe na mente com a mesma clareza das imagens do seu passado. Imagens que seriam ampliadas a um nível brutal caso lhe tocasse no corpo.

Ele inclinou a cabeça.

— Sempre às ordens.

Sam afastou-se antes que assimilasse mais emoções e imagens residuais dele. Odiava tanto aquele poder. Poderia não ser tão mau se ela tivesse alguma

espécie de controlo sobre ele, mas não tinha. Pelo contrário, as emoções das outras pessoas emaranhavam-se muitas vezes nas suas, até ela ter dificuldade em distinguir as suas próprias emoções das dos outros. Era por isso que tentava evitar as pessoas tanto quanto possível. E era por isso que não podia tocar em ninguém com as mãos desnudas ou com qualquer parte do corpo exposta.

Se o fizesse...

Era horripilante.

*Porque é que não me deram o poder de voar? Ou algo realmente útil como a pirocinesia?*

Mas não. Tinha os poderezecos inúteis da empatia e psicometria...

Por aquele «dom», gostaria de agarrar Ártemis pelo pescoço e atirá-la ao chão. Mas também tinha o poder da telecinesia, que dava sem dúvida um certo jeito, em especial durante um combate. Portanto, não era uma desgraça assim tão grande, dado que já tinha comando à distância muito antes de Eugene McDonald, da Zenith, ter concebido o primeiro controlo remoto.

Bebendo a sua cerveja, Sam vagueou pelo clube, cujo ambiente era agradável e escuro — simpático para os seus olhos sensíveis à luz. E, ao passar, captou vislumbres de milhares de eventos diferentes decorridos durante o último século e meio.

Embora existissem alguns momentos infelizes, a base de emoção do Santuário era, esmagadoramente, calorosa e acolhedora. Não era de admirar que fosse tão popular entre a comunidade sobrenatural. Ainda que a maioria não tivesse os poderes para ver o que ela via, não deixaria de captar a sensação de amor e segurança que emanava de cada objeto ali existente. Todo aquele espaço estava carregado com o carinho e a devoção da urso que o construiu.

— Que os deuses te abençoem e guardem, Nicolette — sussurrou. Sendo ela própria mãe, conhecia a agonia absoluta de perder os filhos. A dor que tempo algum seria capaz de curar. Era algo por que ninguém deveria passar.

Estremeceu, quando uma imagem do rosto de Agaria surgiu na sua mente. Mesmo agora, pensar na filha podia deixá-la de joelhos e despertava uma onda imensa de raiva que precisava de ser apaziguada. Era essa fúria que fazia dela uma lutadora tão boa. Os *daemon* tinham-lhe roubado tudo e, por muitos que matasse, nunca seria suficiente para compensar o que tinham feito.

Para compensar a vida que tinha sido brutalmente interrompida.

— Pareces chateada esta noite.

Sam inclinou a cabeça ao reconhecer a voz de pronúncia suave atrás de si.

Chi Hu.

Sam virou-se lentamente para olhar para a delicada chinesa, cujos cabelos, longos e negros, estavam presos numa trança apertada que lhe descia ao longo das costas. Contudo, aquela fragilidade era extremamente enganadora. Ainda que Chi mal passasse do metro e meio de altura e fosse magra como um pau de vassoura, também era uma guerreira exímia capaz de derrubar qualquer pessoa que se revelasse tola o suficiente para a confundir com um alvo fácil. Vestindo um par de calças de ganga e uma camisa preta com colete, Chi era muitíssimo bela. Tinha o tipo de beleza perfeita que Sam ambicionara possuir quando era humana. No entanto, com os passar dos séculos, aprendera que esse tipo de beleza era tanto uma maldição como uma bênção.

Donde Chi ser agora uma Predadora da Noite.

Sam sorriu. Também ela um Cão de Guerra, Chi era a única amiga que se permitira ter nos últimos cinco mil anos. Ainda não tinha a certeza de como é que isso acontecera, mas era difícil não se gostar de Chi — depois de ultrapassadas as suas defesas geladas.

— O que é que estás a fazer aqui?

Sabendo que não lhe devia tocar, Chi apontou para o clube.

— O mesmo que tu. À caça de *daemones*. Em busca de um confronto para relaxar. O urso à porta falou-te da grande alucinação conjunta do Diurno?

— Falou, de facto.

— O que é que achas que foi?

Sam encolheu os ombros.

— Talvez um demónio que tenham confundido com um *daemon*.

Chi acenou, concordando.

— Faz sentido. É por vezes difícil aos menos treinados distingui-los. — E isso era algo que Chi sabia bem, dado que era especialista em demonologia. — Existem várias subespécies de demónios muito parecidas com os *daemon*. Qualquer uma delas poderia ter enganado um Predador do Homem.

Talvez, mas Dev tinha parecido bastante arguto. Por outro lado, Chi era a especialista, o que levou Sam a perguntar-se o que estaria Chi a fazer ali, em Nova Orleães.

— Quando é que te mudaste para cá?

— Há três semanas.

Sam ergueu uma sobrancelha.

— Porque é que não me disseste que também te iam mudar para cá?

Chi censurou o tom de voz da amiga.

— Deixa-te de desconfianças. Queria fazer-te uma surpresa, *jie jie*. Nada mais. Nada menos. Se não me tivesse deparado contigo hoje, ter-te-ia telefonado. É a primeira vez que saio e tinha a esperança de dar de caras contigo, o que aconteceu. — Ela sorriu. — Queria que fosse uma surpresa. Mais nada.

Sam estremeceu interiormente quando Chi lhe chamou «irmã mais velha». No seu mundo, «irmã» era um insulto. E ela sabia que Chi estava a ser sincera sobre a mudança e sobre os motivos para não lha ter revelado — mais uma bênção dos seus poderes. Sam era um detetor de mentiras ambulante.

— É muito bom voltar a ver-te.

Chi torceu o nariz.

— Esperemos apenas que, desta vez, as coisas não fiquem tão sangrentas como da última.

Sam riu.

— Como se não gostasses de um bom combate tanto quanto eu. Por vezes, até acho que mais do que eu.

Chi juntou a sua gargalhada à de Sam.

— É verdade, é bem verdade.

Sam semicerrou os olhos ao reparar nos pauzinhos de prata brilhante no topo da trança de Chi. Estendendo o braço, tocou num deles com o dedo enluvado. Tal como intuía, era afiado como uma garra e arrepanhou-lhe o cabedal da luva.

— Belo disfarce para uma arma.

Chi bebeu um gole da sua própria bebida.

— Hoje em dia temos de ser criativas. Os humanos andam mais desconfiados do que nunca. Se quiseres, posso oferecer-te um par.

— Adoraria ter um. Mas é melhor não. — Usá-los no seu corpo seria um problema dos diabos, já que captaria as emoções de quem quer que os tivesse criado. Era por isso que tudo o que vestia, conduzia ou usava tinha de ser especificamente criado para ela por Acheron — objetos que nunca tinham sido tocados pelas mãos de outras criaturas. Tinha de agradecer aos deuses por o seu líder destemido ter os poderes que tinha. Caso contrário estaria completamente lixada. Era por isso que não gostava de comida. As bebidas não eram tão más, dado que a maioria era produzida por máquinas.

Carne era algo que estava fora de questão. Pelos deuses, as saudades que tinha de comer um bife...

Afastando esse pensamento, Sam deu mais um gole na cerveja enquanto pensava no que Chi lhe dissera acerca da sua mais recente missão.

— Então quantos de nós é que foram trazidos para Nova Orleães agora?

— Tanto quanto sei, o Acheron tem cá oito Cães.

O número era impressionante.

— Oito? Isso não é algo exagerado?

Chi encolheu os ombros.

— Suponho que o Atlante está à espera que aconteça algo grande. — Todos eles tinham sido enviados até ali para guardar um homem em particular. Nick Gautier. E isso era tudo o que sabiam.

Nick tinha de viver, mesmo que isso significasse que eles tinham de morrer.

— Mas claro que o Acheron não diz a ninguém o que é. — Havia mais veneno na voz de Sam do que esta pretendia. Bem vistas as coisas, adorava Acheron. Gostava apenas que ele fosse um pouco mais aberto com todos eles.

Chi ergueu a garrafa numa saudação silenciosa.

— Exatamente.

Típico de Acheron. Ele vivia para os seus segredos e isso levava Sam a perguntar-se o que se estaria a passar no reino sobrenatural para que o Atlante estivesse disposto a arriscar a presença de tantos Cães de Guerra ao mesmo tempo. Não se tratava de pessoas propriamente amigáveis e eram, na sua maioria, muitíssimo territoriais. Da última vez que dois Cães tinham estado juntos na mesma cidade, quase a tinham destruído.

E, ao contrário dos rumores que circulavam *online*, não tinha sido ela e Ethon a dar uma.

Chi dirigiu-lhe um olhar curioso ao captar aquele pensamento.

— Já viste o Ethon?

Sam fez uma careta ao pensar no general da antiga Esparta que, depois de uma noite de batalha, tinha sido forçado a refugiar-se em casa dela, há vários séculos.

— Ainda não, mas vi o Roman na rua há algumas noites. — Cuspiu o nome com todo o nojo que sentia a queimar-lhe a garganta. Roman era um gladiador e, embora pudesse apreciar as suas capacidades, desprezava tudo o que ele representava.

Chi dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Estás a planear uma desforra com o Ethon?

Sam estremeceu só de pensar.

— Eu falo das tuas paixonetas antigas?

— Ele é mesmo giro.

— E não tem nada de que eu esteja à procura. Nem que seja para uma noite isolada. — Já para não falar no facto de os Predadores da Noite estarem

completamente proibidos de dormirem uns com os outros. Ela e Ethon tinham-se empolgado, passaram uma noite juntos e arrependeram-se de imediato. Se Acheron alguma vez descobrisse o que tinham feito, o mais certo era matarem-nos.

Ártemis mataria de certeza.

E aquela noite ensinou-a a ficar longe de amantes para sempre e de Ethon em particular. Continuava a não conseguir afastar as imagens do passado brutal de Ethon da sua mente. Nunca mais queria ser assaltada pelos estragos de outra pessoa. Já tinha uma dose suficiente sem precisar de ajuda.

A culpa trespassou-a. Estremeceu, afastando o sentimento antes que a magoasse ainda mais.

Chi dirigiu um olhar divertido para o bar onde o sócia de Dev estava a servir uma bebida a outro cliente.

— Então e os ursos?

Sam obrigou-se a não reagir minimamente.

— O que é que têm os ursos?

— Oh, vamos, não me digas que não pensaste em brincar às sandes com eles. Em especial os quadrigémeos. Oh, meu Deus, o que está à porta é de comer e babar por mais.

— Babar por mais?

Chi encostou-se a ela, num gesto brincalhão, assegurando-se de que não lhe tocava na pele.

— Não te faças de inocente. Conheço-te melhor do que isso. O Dev vale, sem dúvida, uma pequena troca de emoções.

Sam fungou.

— Sim, conheces e sim, pensei nisso.

— Mas?

— Tenho estado a reviver o que passei com Ethon e a sentir náuseas só por ter considerado tal coisa. É uma experiência por que não quero voltar a passar. Nunca. — Nem mesmo por um tipo tão apetecível como Dev.

Chi fungou.

— Uma noite não te matava.

— Não foi isso que disse Geitara mesmo antes da Batalha de Tortula? Se bem me lembro, as coisas não correram muito bem para ela, já que a mataram e a todas as suas tropas. — Sam apontou com o queixo na direção do balcão. — Se estás com tanta fome, porque é que não levas um para casa?

— Um? Querida, estou à espera do conjunto completo.

Sam riu.

— És diabólica.

Chi ficou imediatamente séria quando se virou repentinamente para a direita e percorreu o clube com o olhar.

— Sentiste isto?

Sam virou a cabeça e baixou o queixo. À escuta. Uma estranha sensação cortara através do ar à sua volta. Inumana e feroz. Tinha-lhe descido pela espinha como uma lâmina.

— Senti. — Era semelhante ao tremor provocado por um *daemon*, mas diferente. Mais poderoso. Ela olhou em redor do clube para ver se mais alguém o sentira.

Se o tinham sentido, não reagiram.

Que estranho.

Os seus olhos fixaram-se no olhar concentrado de Chi.

— Eu fico com as traseiras.

— Vou para a frente.

Sam usou os seus poderes para analisar o éter à sua volta ao mesmo tempo que avançava para a porta dos fundos do Santuário. Os Predadores da Noite também tinham um localizador eletrónico de *daemon*, mas nunca tivera de o usar. Os seus sentidos e poderes sempre lhe haviam permitido localizá-los rapidamente.

Mas não naquela noite.

Naquela noite, perdeu-lhe o cheiro quase mal saiu para o exterior.

Como era aquilo possível? E, no entanto, não podia negar o que sentia. Ou, para ser mais exata, o que não sentia. O ar estava fresco, com um toque de outono. Sentia no ar o cheiro ao *gumbo* e aos bifes que estavam a ser cozinhados na cozinha e o odor do rio situado a poucos quarteirões de distância. Mas não havia ali nada que estivesse relacionado com *daemones*.

Com todos os seus sentidos em alerta máximo, contornou sorrateiramente o exterior do edifício, tentando localizar o que lhe chamara a atenção.

Não estava ali nada. Tudo parecia normal e, no entanto, nas suas entranhas, sabia que não estava.

Chi voltou para trás para lhe cortar o caminho. Fitou o olhar interrogativo de Sam, depois ergueu o queixo na direção do céu.

Sam seguiu a linha do seu olhar. Mal se concentrou no céu, sentiu que o estômago se emaranhava. Sobre as suas cabeças erguia-se uma lua vermelha e envolta em nuvens, que parecia ter sido banhada em sangue.

A Lua do Caçador. Em termos científicos, sabia que não era mais do que um fenómeno pelo qual a luz do sol se curvava em redor da terra para

iluminar a superfície lunar. Mas já vivera tempo suficiente para saber que as coisas não eram assim tão simples — que a ciência não explicava tudo. Acima de tudo porque a ciência não tinha conhecimento de tudo.

Não sabia, por exemplo, acerca do véu protetor que separava os mundos uns dos outros. Um véu que se tornava mais fraco quando havia uma lua de sangue. Acima de tudo, não sabia que, por vezes, os homens antigos tinham temido os maus presságios com justa causa.

*Na alma e no coração,  
Causa dano a maldição.  
Quando a lua brilha como sangue a correr  
Sobre a terra os demónios verás aparecer.*

O velho poema amazónio atravessou-lhe a mente. Uma lua como aquela brilhara certa vez sobre a sua casa. Ignorara-a, não a tomando por mais do que uma superstição infundada.

E morrera, lamentando a sua estupidez.

— Vou ligar ao Acheron — disse Chi, pegando no telefone.

Sam acenou, sentindo a mão do mal a deslizar sobre ela. Algo se preparava para os atacar, sentia-o. A única questão era o que seria?